

**A + B** (4 out. 1886)

A. – Ao ler este telegrama da Vitória na *Gazeta de Notícias*, o que é que pensa que mais me admirou?

B. – Foi o magistrado que puxava a orelha da sota.

A. – Não.

B. – Foi o ex-legislador.

A. – Também não.

B. – Os empregados públicos?

A. – Não: nada disso. A *Gazeta* deu muita importância a esse negócio, sem advertir que a província do Espírito Santo não tem loterias, como as outras; e, por outro lado, não há lá Sarah Bernhardt. Em alguma coisa se há de passar o tempo.

B. – Mas então que foi?

A. – Foi a memória do correspondente. Singular correspondente! Segundo o seu telegrama, aquela jogatina liga-se ao desfalque do correio da Vitória. Mas então ainda há alguém que se lembre do desfalque do correio?

B. – Não foi há muito tempo; um ou dous anos, não?

A. – Que me importam os anos. O roubo de Pernambuco é de dias, e lá virá tempo em que escorregue para a lagoa Estígia, onde tudo se esquece. Daqui a pouco o Instituto Pernambuco insere o fato nos seus arquivos, entre a morte de Nero e a invasão dos bárbaros. Sócio haverá que prove que o tal roubo de oitocentos contos é uma inscrição lapidária: *D.C.C.C. contos...* isto é: “Deus, criador do céu conserta os contos (das lanças).” Dirá que foi achada em Nápoles pelos holandeses, trazida por eles, e aqui deixada escondida à margem do Beberibe.

B. – Mas que quer que lhe façam? Você sabe que estes casos são como os desastres causados por bonds, em que os cocheiros sempre fogem. Não se há de

inventar um cocheiro só para ter o gosto de o levar ao júri, como lá foram ter os que arranjaram o testamento do Vila Nova do Minho.

A. – 1855. Vai longe!

B. – Há trinta e um anos.

A. – Longe, muito longe. *Mete dinheiro no bolso*, não te digo mais nada; é o que dizíamos há tempos. Não metas este paio que aqui está pendurado; suja-te as calças, e o meu amigo Dr. Matos, 1º delegado, autua-te brincando. *Mete dinheiro no bolso*. Dinheiro grosso, muito grosso, mais grosso que o paio.

B. – Mas a opinião pública?

A. – O público – dizia um padre italiano – gosta de ser embaçado. Eu acrescento que é o seu destino. *Mete dinheiro no bolso*.

B. – Queres parecer imoral, à força; tu não passas de um desanimado...

A. – Como o Leão Veloso?

B. – Que tem o Leão Veloso?

A. – Está desanimado com o parlamentarismo; não o quer mais.

B. – Tal qual o Uchoa.

A. – Não; este apenas quer que se cumpra a constituição na nomeação livre dos ministros: é a mesma cousa, mas por motivo unicamente de legalidade. Leão Veloso é por tédio.

B. – O que eu concludo é que há então parlamentarismo aqui.

A. – Naturalmente.

B. – As oposições disseram sempre que não; é verdade que depois diziam o contrário. E a câmara? o que pensa a câmara dos deputados acerca do parlamentarismo?

A. – Falei a alguns dos seus membros; ouvi que não concordavam com os dous distintos senadores. Um deles explicou a divergência. Questão de ponto de vista. “A pessoa que passa de *bond* por uma rua (disse-me ele) e olha para um palácio, recebe uma impressão diferente da pessoa que estiver à janela do palácio e olhar para o *bond*. Os *bonds* passam e o palácio fica.”

B. – Que lhe disse você?

A. – Que os palácios são mais sólidos, e abrigam melhor, nos dias de temporal. Os *bonds* não, senhor; passam, atropelam, molham, quebram as pernas à gente, e o cocheiro foge ou retira-se.

ASSIS, Machado de. A + B (4 out. 1886).

B. – Mas então onde está a verdade?

A. – *Metete dinheiro no bolso.*

JOÃO DAS REGRAS [MACHADO DE ASSIS]

[*Gazeta de Notícias*, p. 1, 4 out. 1886]

Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda